

## INTRODUÇÃO

O homem, quando nomeia as coisas da realidade ao seu redor, manifesta os seus pensamentos, sentimentos, ideologias, cultura, entre outros aspectos, utilizando-se do léxico de línguas. Desse modo, o designador recorre aos signos linguísticos em função toponímica, para a nomeação dos lugares. Dick (1990, p. 22) destaca que os topônimos são: “verdadeiros “testemunhos históricos” de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população.” O ser humano, no ato da nomeação dos lugares, fornece conhecimentos sobre a sua vida social, cultural, sobre a história de seu povo para as gerações posteriores.

Dick (1992) referindo-se a toponímia destaca que:

Assim é que os elementos mais diferenciadores da mentalidade do homem, em sua época e em seu tempo em face das condições ambientais de vida, condicionam a sua percepção de mundo, estão representados nos nomes de lugares, senão todos, pelo menos os mais flagrantes. (DICK, 1992, p.119)

Sendo assim, a toponímia reflete o modo de viver do homem em sua postura individual ou como membro da sociedade.

Neste trabalho, apresentamos o resultado final da pesquisa que realizamos para obtenção do grau de licenciatura em Letras Habilitação Português/ Inglês, sob o título *A Toponímia humana da zona rural de Anaurilândia e Batayporã/MS*. Como base para a teoria referente à toponímia, buscamos os trabalhos de Dick, que são essenciais para a fundamentação teórica de qualquer trabalho sobre toponímia.

Este trabalho teve como foco os acidentes humanos rurais de dois municípios da microrregião de Nova Andradina: Anaurilândia e Batayporã. Para tanto, inventariamos os topônimos contidos em mapas oficiais do IBGE, com escala 1:1000.000 e classificamo-los segundo o modelo taxionômico proposto por Dick (1992); analisamos os topônimos dos acidentes humanos rurais, de acordo com o modelo taxionômico escolhido; analisamos as taxionomias toponímicas mais produtivas, com a finalidade de evidenciar os motivos que influenciaram o denominador no ato da nomeação. Para tanto, os estudos aqui apresentados foram orientados sobre a seguinte hipótese: a toponímia do universo estudado inclui características particulares socioculturais e geográficas da região em que se localiza.

Para um melhor entendimento, apresentamos a seguir um resumo do que será apresentado em cada capítulo.

Capítulo I – Fundamentação teórica – serão apresentadas as bases teóricas sobre a toponímia como: definição de toponímia, alguns estudiosos da toponímia, Topônimos

definição, função e estrutura, classificação dos topônimos de acordo com os modelos taxionômicos.

Capítulo II – Apresentação dos dados – Os dados são catalogados, classificados e apresentados em um quadro para cada município.

Capítulo III – Análise e discussão dos dados – Analisamos os topônimos segundo a língua de origem, a estrutura morfológica, a distribuição das taxionomias toponímicas e a análise das taxionomias mais produtivas.

Em seguida, apresentamos nossas considerações finais seguidas das referências bibliográficas.

## CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 Definição de toponímia

Os estudos onomásticos são divididos em duas áreas: a toponímia, ciência que estuda os nomes próprios de lugares (topônimos) considerando a origem, a história e as tendências linguísticas da localidade; e a Antroponímia que se ocupa em estudar os nomes próprios de pessoas.

De acordo com Dick (1990), a Toponímia é uma

Disciplina antiga, cuja significação começou a se delinear a partir do momento em que os núcleos humanos se distribuíram distintamente em porções territoriais delimitadas, impondo-se a identificação das regiões que se iam ocupando [...] (DICK, 1990, p.19)

Observamos que a toponímia foi se desenvolvendo à medida que o homem foi ocupando suas terras e sentindo a necessidade de nomear os lugares para, dessa forma, delimitar seu espaço e manter suas tradições e costumes para suas futuras gerações. DICK (1990, p.22) ressalta que a toponímia tem a função de gravar o presente para que as futuras gerações conheçam a “crônica” de seu povo.

A toponímia no Brasil esteve muitas vezes em segundo plano vinculada a outras ciências humanas emprestando valiosas contribuições a essas disciplinas. Conceituar a toponímia como disciplina autônoma foi dificultoso por causa da delimitação de seu campo de estudo. Os diferentes significados e informações que se pode ter de um nome de lugar, tornaria esta ciência em um depósito amplo de fatos culturais, tornando-se assim necessário incluí-la em outras disciplinas do conhecimento humano. Para DICK (1990, p. 35 e 36) “a Toponímia é um imenso complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”.

A história e a geografia caminham lado a lado com a toponímia emprestando a esta, dados de determinada região para dar autenticidade aos topônimos, levando em consideração as origens, as línguas faladas e as tendências linguísticas desse lugar, para saber os motivos que levaram o denominador a escolher determinado topônimo.

Nesse contexto, Aguilera (1999) destaca que:

é o homem quem denomina os acidentes geográficos que o rodeiam e certamente não o faz aleatoriamente, mas movido por alguma impressão sensorial e/ou sentimental (...). Pode chamar-lhe a atenção alguma particularidade intrínseca do terreno ou do acidente geográfico (altura, clima, cor, movimento) ou pode ser uma motivação externa ao ambiente como religião, ideologia (...) (AGUILERA, 1999, p.125)

Podemos observar que para denominar um determinado acidente o homem necessita de um motivo que pode ser uma característica própria do local ou pode ser um motivo que esteja fora do ambiente que o fez relacionar com algo daquele lugar.

Com a relação da definição de Homen-Ambiente-Topônimo, a toponímia ganhou novos conceitos passou a ser integral e dinâmica e passou a ter laços estreitos com outras disciplinas como a dialetologia e a lexicologia. A esse respeito, Dick (1992, p.II) destaca que “a toponímia, portanto, atualmente, com orientações novas, é uma disciplina que se volta para a História, a Geografia, a Lingüística, a Antropologia, a Psicologia Social e, até mesmo, a Zoologia, a Botânica, a Arqueologia”.

A seguir falaremos sobre alguns dos principais precursores da toponímia.

## 1.2 Alguns estudiosos da toponímia

Desde os tempos mais antigos o homem exerce a atividade de nomear. O ato de dar nomes aos lugares sempre foi de fundamental importância para o ser humano facilitando, assim, a localização dos lugares.

De acordo com Dick (1992, p.1 - 2), o surgimento da toponímia como disciplina ocorreu na França com Auguste Longnon em 1878 no curso que aplicava na École Pratique des Hautes-Études e no colégio de França. *Le noms de lieu de La France* foi a obra publicada pelos alunos de Auguste Longnon em 1912 após a morte de seu professor.

Algum tempo depois da morte de Longnon, Albert Dauzat em 1922 continuou os estudos onomásticos ainda na École Pratique e dez anos depois fundou a *Revue des Études Anciennes* onde reunia trabalhos já publicados de pesquisadores europeus que incluíam nomes antigos de lugares. Em 1938 aconteceu o *I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia* organizado por Albert Dauzat com a presença de vinte e um países que consistia em realizar e organizar congressos internacionais de Toponímia e Antroponímia e a criação de glossários com nomes geográficos nos países que ainda não tinham.

Segundo Dick (1992, p.2 e 3) em outros países como os Estados Unidos e o Canadá os estudos toponímicos são representados por vários estudiosos e de entidades especializadas. George Stewart é um desses estudiosos que colaborou na publicação da revista *names* criada em Detroit, 1951 e também em outros trabalhos como *Names of the land* e “*A classification of places names*” onde mostra os meios de como é feita a nomeação de lugares.

Desde o ano de 1966, o Canadá tem a ajuda do “Grupo de Estudos de Coronímia e de Terminologia Geográfica” que conta com a participação de diversos pesquisadores de várias

disciplinas. Neste mesmo ano, Henri Dorion e Louis Hamelin escreveram um artigo sugerindo a mudança do nome da disciplina toponímia para Coronímia para ter um “campo mais amplo de pesquisa”.

Dick (1992, p. 3) destaca que Pospelov na União Soviética, analisando a toponímia do passado e a atual propõe três modelos de “orientação temática”: “a- problemas gerais de teoria toponímica e de métodos de pesquisas geográficas, b- os nomes geográficos da URSS, c- nomes geográficos de países estrangeiros”.

Os estudos onomásticos realizados nos congressos produzidos por Dauzat foram produzidos com frequência em alguns países, como o *III Congresso Internacional de Toponímiae Antroponímia*, em Bruxelas, e o *VIII Congresso*, em Haia em 1966 onde foram discutidos assuntos toponímicos de varias regiões.

Consoante Dick (1992, p.4), Levy Cardoso foi o pesquisador que fez o levantamento dos estudiosos da toponímia no Brasil, dando preferência às pesquisas históricas direcionadas à “lexicologia indígena”. Esse mesmo pesquisador também era um “especialista nos topônimos brasílicos da Amazônia, especialmente os de origem caribe e aruaque”. Ainda segundo Dick (1992), na mesma página, destaca que: Levy Cardoso

Deixa claro, porém, que “um plano sistematizado, que abranja, em seu estudo, as diversas zonas do nosso território, ainda não foi tentado no Brasil”, o que só seria possível mediante “auxílio e colaborações oficiais”, através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. DICK (1992, p.4)

Ainda no Brasil, Theodoro Sampaio também foi um pesquisador de suma importância para a toponímia brasileira, pois escreveu a obra “*O Tupi na geografia nacional*”. Vale destacar também outro pesquisador importante para os estudos onomásticos que se chama Carlos Drumond, com a obra *Contribuição do Bororo a toponímia brasílica*.

Outra pesquisadora importante para a toponímia brasileira que merece destaque é a doutora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick que escreveu as obras: *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*, publicada em 1990 e *Toponímia e Antroponímia no Brasil: Coletânea de estudos* (1992).

No item seguinte, discutiremos sobre as funções e a estrutura dos topônimos e algumas considerações sobre o signo toponímico.

### 1.3 Topônimos: definição, função e estrutura

O homem necessita nomear tudo que pertence ao meio em que vive. Para isso, utiliza-se dos topônimos. Está sempre buscando o conhecimento pelo novo para ter o controle e manter organizado o seu espaço.

Antes de falarmos sobre a estrutura e as funções dos topônimos, faremos algumas considerações sobre os signos toponímicos. Falando sobre o signo toponímico Zamariano (2012) ressalta que:

A toponímia possui como eixo central de seus estudos o signo toponímico (nome próprio de lugar - topônimo) que é o signo linguístico na função de indicador ou identificador de um espaço (acidente geográfico). (ZAMARIANO, 2012, p. 352)

Então, como podemos observar, o nome tem a função de identificar e determinar o significado de tudo o que existe e conhecemos no universo em que vivemos. O signo toponímico apesar de fazer parte dos outros signos linguísticos possui suas próprias características. Assim, de acordo com Ullmann (1987, p.155) “a função específica de um nome próprio é identificar e não significar”. Mas, o topônimo além de designar ele significa e fornece dados de determinada região como aspectos históricos e econômicos para um melhor entendimento da realidade em que este se inclui.

Segundo Dick (1990)

Muito embora seja o topônimo, em sua estrutura, como já se acentuou, uma forma de língua, ou um significante animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, marcando-o duplamente: o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero ser essa uma das principais características do topônimo. (DICK, 1990 p. 38)

Dessa forma, podemos observar que o signo linguístico em função toponímica se torna necessariamente motivado no momento do batismo de um lugar. Essa motivação toponímica pode se manifestar sobre dois aspectos: o primeiro, as razões que levaram o denominador a selecionar entre as várias possibilidades, um nome para determinado acidente. O segundo aspecto, “é na própria origem semântica da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, o que pode envolver as procedências as mais diversas”. Esses dois aspectos da motivação toponímica irão influenciar na formação das taxionomias toponímicas (Dick, 1990, p.39).

O topônimo, em sua estrutura, é formado por dois termos, um que se refere ao acidente que irá receber a denominação que é o *termo ou elemento genérico*, e o outro *termo ou elemento específico* que é o topônimo, ou seja, nome próprio do lugar. Desse modo, segundo Dargel (2003)

O topônimo é um signo linguístico que, quando se transfere de uma unidade virtual da língua para uma unidade léxica da língua, assume um caráter de signo motivado com a função de designar e identificar um lugar. Nesse processo, ocorrem algumas mudanças semânticas e morfológicas na estrutura dessa unidade. Por exemplo: as unidades *salto, da* (de + a), *boa* e *vista* integram o léxico da língua portuguesa (salto = substantivo; da = preposição + artigo; boa = adjetivo; vista = adjetivo), mas, ao integrarem um sintagma toponímico, adquire novos valores, como o ocorrido no topônimo **da Boa Vista** – AF/CR (DARGEL, 2003, p.80)

Em sua formação morfológica os topônimos são classificados, de acordo com Dick (1992, p. 13) em simples, compostos e híbridos. Os topônimos simples são formados somente por um elemento. Exemplo: (Fazenda **Alegria** – AH/Batayporã); os compostos são formados por dois elementos. Exemplo: (Fazenda **Boa Esperança** – AH/Batayporã); e os híbridos são formados por elementos de línguas diferentes. Exemplo: (Fazenda **Capim Vermelho** – AH/Batayporã).

No próximo item deste capítulo falaremos sobre as taxionomias toponímicas.

#### 1.4 Classificações dos topônimos de acordo com as taxionomias toponímicas

Classificar os topônimos não é tarefa fácil, para isso, é necessário pesquisar os motivos da denominação do local, que nem sempre é possível por falta de documentos que esclareçam qual a motivação que levou o nomeador a escolher um determinado nome ao invés de outro.

Diante dessas dificuldades, alguns estudiosos elaboraram algumas propostas para a classificação dos topônimos. Dentre elas, destacaremos a do toponimista Salazar-Quijada, a de George Stewart e a proposta de Dick.

Salazar-Quijada, toponimista venezuelano, elaborou uma proposta taxionômica considerando cinco aspectos, que são: a) os elementos; b) a extensão; c) a localização; d) a aplicação; e) os motivos. Essa proposta abrange uma grande quantidade dos topônimos. Mas de acordo com Aguilera (1999, p.128), “o próprio Salazar-Quijada admite que há topônimos de difícil catalogação, além de existirem no ato da denominação os mais variados motivos, dificultando assim a elaboração de uma taxionomia que abranja todos eles.”

Em 1954, o pesquisador George Stewart elaborou a seguinte proposta para a classificação dos topônimos: 1- Descriptive names; 2- Possessive names; 3- Incident names; 4- Commemorative names; 5- Euphemistic names; 6- Manufactured names; 7- Shift names; 8- Folk etymologies; 9- Mistake names. Sobre essa proposta elaborada por Stewart, Dick (1992) ressalta que:

[...] parece-nos que sua aplicabilidade, em termos abrangentes de um maior número de casos, pode não satisfazer a todos, desde que alguns dos topos tidos como genéricos (“folk etymologies”, “manufactured names”), pode não ocorrer em todos os sistemas onomásticos conhecidos, restringindo, assim, o emprego das taxes. (DICK, 1992, p.25)

A proposta elaborada por Stewart pode não abranger a todos os topônimos, mas vale lembrar que, segundo Dargel (2003), “o trabalho de Stewart merece sempre um destaque especial nos trabalhos toponímicos, dada a natureza pioneira de suas taxes, pois esse modelo de classificação tem inspirado outros modelos taxionômicos, dentre eles o de Dick.” (DARGEL, 2003, p.69)

No Brasil, Dick propôs uma classificação taxionômica composta por dois grupos quais são: o de natureza física, que considera elementos terrestres como a água, as plantas, os animais e o solo, composto por onze taxes e o outro de natureza antro-po-cultural, composto de dezesseis taxes, que engloba elementos da cultura religiosa, nomes próprios entre outros tão importantes quanto estes.

Para a classificação dos topônimos desta pesquisa, consideramos a proposta elaborada por Dick (1992, p.31-34), que abrange um maior número de taxes, que será apresentada a seguir.

Os exemplos utilizados a seguir são dados retirados desta pesquisa. Porém, quando não foi possível, utilizamos os exemplos de Dick (1992 p.31-34).

**a) Taxionomias de natureza física:**

- 1. Astrotopônimos:** topônimos referentes a corpos celestes. Ex: **Estrela** - AH/Bahia
- 2. Cardinotopônimos:** topônimos relativos às posições geográficas. Ex: serra **do Norte** – AF/Mato Grosso.
- 3. Cromotopônimos:** topônimos que se referem à escala cromática. Ex: rio **Pardo** – AF/São Paulo.
- 4. Dimensiotopônimos:** topônimos referentes às características dimensionais dos acidentes geográficos como: extensão, comprimento, largura, espessura, altura e profundidade. Ex: fazenda **Alto Alegre** – AH/Batayporã.
- 5. Fitotopônimos:** topônimos de origem vegetal. Ex: fazenda **Bálsamo** – AH/Anaurilândia



6. **Geomorfotopônimos:** topônimos referentes às formas topográficas. Ex: sítio **Monte Alegre** – AH/Batayporã
7. **Hidrotopônimos:** topônimos relativos a acidentes hidrográficos. Ex: fazenda **Lagoa** – AH/Anaurilândia.
8. **Litotopônimos:** topônimos que se referem a minerais e a constituição do solo. Ex: fazenda **Barro preto** – AH/ Anaurilândia.
9. **Meteorotopônimos:** topônimos referentes a fenômenos atmosféricos. Ex: fazenda **Primavera** – AH/Batayporã.
10. **Morfotopônimos:** topônimos relativos às formas geográficas. Ex: **Triângulo** – AH/Mato Grosso.
11. **Zootopônimos:** topônimos de índole animal. Ex: fazenda **Jacaré** – AH/Batayporã

#### b) Taxeonomias de natureza Antropo-Cultural

1. **Animotopônimos ou Nootopônimos:** topônimos que se referem à vida psíquica e a cultura espiritual. Ex: sítio **Esperança** – AH/Batayporã.
2. **Antropotopônimos:** topônimos referentes aos nomes próprios individuais. Ex: bairro **Marcelino** – AH/Anaurilândia.
3. **Axiotopônimo:** topônimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham os nomes próprios. Ex: fazenda Dom Bosco – AH/Anaurilândia.
4. **Corotopônimos:** topônimos referentes aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Ex: fazenda Guatemala – AH/Anaurilândia.
5. **Cronotopônimos:** topônimos que encerram indicadores cronológicos como novo/nova, velho/velha. Ex: rio **Novo Mundo** – AF/Goiás.
6. **Ecotopônimos:** topônimos que se referem às habitações de um modo geral. Ex: estância **Rancho Alegre** – AH/ Batayporã.
7. **Ergotopônimos:** topônimos referentes a elementos da cultura material. Ex: fazenda Granada – AH/Batayporã.
8. **Etnotopônimos:** topônimos relativos aos elementos étnicos. Ex: fazenda **Cambá** – AH/Batayporã.
9. **Dirrematotopônimos:** topônimos constituídos por frases. Ex: **Deus Me Livre** – AH/Bahia.
10. **Hierotopônimos:** topônimos que fazem referência aos nomes sagrados, aos locais de culto e as efemeridades religiosas. Ex: sítio **Bom Jesus** – AH/Batayporã. Essa taxonomia tem duas subdivisões: a) **hagiotopônimos:** topônimos que se referem aos nomes de santos e santas do hagiologio romano. Ex: fazenda **Santa Rita** – AH/Anaurilândia; b) **mitotopônimos:** topônimos relativos a entidades mitológicas. Ex: lago **Curupira** – AH/Amazonas.
11. **Historiotopônimos:** topônimos referentes aos movimentos de cunho histórico-social, aos membros e datas correspondentes. Ex: rua Vinte e um de Abril – AF/São Paulo.

- 12. Hodotopônimos:** topônimos que referenciam as vias de comunicação urbanas e rurais.  
Ex: **Rua de Palha** – AH/Bahia.
- 13. Numerotopônimos:** topônimos relacionados aos adjetivos numerais. Ex: fazenda **três Barras** – AH/Anaurilândia.
- 14. Poliotopônimos:** topônimos constituídos pelos vocábulos *vila, aldeia, cidade, povoação, arraial*. Ex: **Vila dos Anjos** – AH/Minas Gerais.
- 15. Sociotopônimos:** topônimos relativos a aglomerados humanos e a atividades profissionais. Ex: Bairro **Festa** – AH/Batayporã.
- 16. Somatotopônimos:** topônimos relacionados às partes do corpo humano e/ou animal.  
Ex: Retiro **Pé de Galinha** – AH/Batayporã.
- No capítulo seguinte faremos a apresentação dos dados coletados nesta pesquisa.

## CAPÍTULO II – APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Os dados apresentados na sequência, foram inventariados de mapas do IBGE, com escala de 1:100.000, dos municípios de Anaurilândia e Batayporã, localizados no estado de Mato Grosso do Sul. Para que pudéssemos obter uma visualização do conjunto dos topônimos estudados, utilizamos o modelo de quadro organizado por Pereira (2009, p. 74-133).

### **Quadro 1 - Topônimos dos acidentes humanos do município de Anaurilândia**

**Mesorregião:** Leste de Mato Grosso do Sul (IBGE, 2008)

**Microrregião:** Nova Andradina (IBGE, 2008)

**Data da fundação:** 11 de novembro 1963. (IBGE, 2008)

**Área:** 3 395 540 km<sup>2</sup> <sup>3</sup> (IBGE, 2008)

**Municípios e/ou Estados limítrofes:** Bataguassu, Bataiporã, Nova Andradina e Rosana (SP)

**Nome(s) anterior (es):**VilaÁgua Amarela ( IBGE)

**Histórico do nome do município:** O município de Anaurilândia foi fundado por Ciriaco Gonsalvez que veio para a região em 1916. Em 1940 adquiriu alguns hectares de terras idealizando constituir no local um povoado. A partir de 1948, o senhor Ciriaco Gonsalvez loteou e vendeu parte de suas terras formando ali um pequeno povoado com o nome de Vila Água Amarela, que mais tarde se chamaria Anaurilândia em homenagem a senhora sua esposa que se chamava “Anaurelíssia” (IBGE, 2015).

Topônimo	Acidente	TA	Língua de Origem	Etimologia	Classificação taxionômica	Estrutura Morfológica/topônimo
Ana e Agueda	Fazenda	AH	LP+LP		Antropotônimo	Composto
Ariranha	Fazenda	AH	LT	<b>Tupi:</b> “corr. <i>Irarana(irar-ana)</i> , a falsa <i>irara</i> ; a que imita a <i>irara</i> . A lontra dos rios do sertão” (Sampaio, 1928, p. 160-161).	Zootônimo	Simples
Bacuri	Fazenda	AH	LT	Tupi: corr. <i>Ybá-cury</i> , o fruto apressado, que frutifica de imediato (SAMPAIO, 1928).	Fitotônimo	Simples
Bálsamo	Fazenda	AH	LP		Fitotônimo	Simples
Bambu	Fazenda	AH	LP		Fitotônimo	Simples
Barro Preto	Fazenda	AH	LP+LP		Litotônimo	Composto
Betinho	Fazenda	AH	LP		Antropotônimo	Simples

Boa Sorte	Fazenda	AH	LP+LP		Animotopônimo	Composto
Bom Jesus	Fazenda	AH	LP+LP		Hierotopônimo	Composto
Cambaúva	Fazenda	AH	LT	Tupi: “planta da família das delineáceas”. Da se o nome de <i>Cambaubaa</i> uma espécie de palmeira. LCTA (1984, p. 79)	Fitotopônimo	Simples
Campo Alegre	Fazenda	AH	LP+LP		Fitotopônimo	Composto
Dom Bosco	Fazenda	AH	LP+LP		Axiotopônimo	Composto
Duas Meninas	Fazenda	AH	LP+LP		Numerotopônimo	Composto
Esperança	Fazenda	AH	LP		Animotopônimo	Simples
Guapé	Fazenda	AH	LT	“Aguá-pé, [...] a planta vulgarmente chamada guapé, guapéba, guapéva, que cobre a superfície dos lagos e de águas remansadas [...]” (SAMPAIO, 1987, p. 149).	Fitotopônimo	Simples
Guatemala	Fazenda	AH	LP		Corotopônimo	Simples
Jaborandi	Fazenda	AH	LT	Tupi: corr. <i>ya-mbo-r-endi</i> planta medicinal que solta líquido (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Jataí <sup>1</sup>	Fazenda	AH	LT	Tupi: corr. <i>yá-atã-yba</i> , árvore de fruto difícil de quebrar ou pode ser também uma espécie de abelha (SAMPAIO, p.247, 1928).	Zootopônimo	Simples

<sup>1</sup>Jataí: Tupi: corr. *yá-atã-yba*, árvore de fruto difícil de quebrar ou pode ser também uma espécie de abelha. (SAMPAIO, 1928). Optamos por classificar o topônimo como zootopônimo, em conformidade com Dargel (2003, p. 129). Para a pesquisadora, “informantes da localidade pesquisada [por ela] indicaram que jataí é uma abelha. A árvore jataí não é conhecida na região” (DARGEL, 2003, p.129).

Lagoa	Fazenda	AH	LP		Hidrotopônimo	Simples
Macaúba	Fazenda	AH	LT	Tupi: corr. <i>macá-yba</i> , palmeira da espécie <i>Acrocomiasclerocarpa</i> (SAMPAIO, 1928, p. 256)	Fitotopônimo	Simples
Marcelino	Bairro	AH	LP		Antropotopônimo	Simples
Mimoso <sup>2</sup>	Fazenda	AH	LP		Fitotopônimo	Simples
Molina	Fazenda	AH	LP		Antropotopônimo	Simples
Mutum	Fazenda	AH	LT	Tupi: “Motum - My-tu, a pele negra. É a ave Crase urumulum. Alt. Mytum, Mutum.” (SAMPAIO, 1928, p. 270).	Zootopônimo	Simples
Peixinho	Fazenda	AH	LP		Zootopônimo	Simples
Pontal	Fazenda	AH	LP		Geomorfotopônimo	Simples
Pouso Alegre	Fazenda	AH	LP+LP		Ecotopônimo	Composto
Produtiva	Fazenda	AH	LP		NC	Simples
Quatro Irmãos	Fazenda	AH	LP+LP		Numerotopônimo	Composto

<sup>2</sup>Mimoso: Referência ao capim mimoso. Segundo Pereira (2009, p.87) o vocábulo possivelmente faz referência ao *capim-mimoso*, uma “designação comum a várias ervas da família das gramíneas do gênero *Eragrostis*, de pequeno porte, folhagem fina e inflorescência muito delicada” (FERREIRA, 2004).

Quebrachinho <sup>3</sup>	Fazenda	AH	LP		Fitotopônimo	Simples
Quebracho	Vila	AH	LP		Fitotopônimo	Simples
Quiterói	Fazenda	AH	LP		NC	Simples
Recreio	Fazenda	AH	LP		Sociotopônimo	Simples
Rochedo	Fazenda	AH	LP		Litotopônimo	Simples
Romero	Fazenda	AH	LP		Antropotopônimo	Simples
Saltinho	Fazenda	AH	LP		Hidrotopônimo	Simples
Santa Cruz	Fazenda	AH	LP+LP		Hierotopônimo	Composto
Santa Fé	Fazenda	AH	LP+LP		Hierotopônimo	Composto
Santa Loudes	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Santa Rita	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Santa Rosa	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Santo Antônio	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Santo Onofre	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto

<sup>3</sup>Quebrachinho<**Quebracho**: “(Bras.) árvore apocinácea (*Schinopsislorentizii*, Engl.). A sua casca, febrífuga e antidispneica, dá a quebrachina, empregada em farmácia. Tem, outrossim, grande emprego na indústria de curtumes. || Tanino dessa árvore. F. cast. amer. *Quebracho*, de *quebrahacha* e este de *quebra* (quebra) + *hacha* (machado)” (AULETE, 2006).

São João	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
São José	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
São Paulo	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
São Roque	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Sempre Viva	Fazenda	AH	LP+LP		NC	Composto
Taquaral	Fazenda	AH	LT + LP	Tupi: "Ta-quara, a haste furada, ou oca. Alt. Taquá" (SAMPAIO, 1987, 325). Port: "taquara + -al" (HOUAISS DICIONÁRIO ELETRÔNICO DA LÍNGUA PORTUGUESA 2001).	Fitotopônimo	Simples Híbrido
Tigre	Fazenda	AH	LP		Zootopônimo	Simples
Três Barras	Fazenda	AH	LP+LP		Numerotopônimo	Composto
Três Irmãos	Fazenda	AH	LP+LP		Numerotopônimo	Composto
Vera Cruz	Fazenda	AH	LP+LP		Hierotopônimo	Composto
Vista Alegre	Fazenda	AH	LP+LP		Animotopônimo	Composto

**Total de topônimos: 54**

## **Quadro 2 - Topônimos dos acidentes humanos do município de Batayporã**

**Mesorregião:** Leste de Mato Grosso do Sul (IBGE, 2008)

**Microrregião:** Nova Andradina (IBGE, 2008)

**Data da fundação:** 12 de novembro 1963.

**Área:** 1 828,214 km<sup>2</sup> (ms: 54°)<sup>2</sup>

**Municípios e/ou Estados limítrofes:** Taquarussu, Nova Andradina, Anaurilândia, Rosana (SP), Marilena (PR), São Pedro do Paraná (PR) e Porto Rico (PR).

**Nome(s) anterior (es):** Distrito de Batayporã

**Histórico do nome do município:** Batayporã está situada em terras que pertenciam a CIA e que foram adquiridas pelo Theco Jan Antonin Bata em 1921. O projeto para a criação da cidade de Batayporã iniciou-se em 1953 com a chegada dos compradores de lotes, liderados por Vladimir Kubic, na então fazenda Samambaia próximo ao córrego Alegria.

De acordo com o site do IBGE, “pela Lei nº. 669, de 11 de novembro de 1953, publicada no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso, nº. 11062, de 14 de dezembro de 1953, o pequeno povoado foi elevado à categoria de distrito, com a denominação: “Distrito de Batayporã”. (IBGE, 2015).

Topônimo	Acidente	TA	Língua de Origem	Etimologia	Classificação taxionômica	Estrutura Morfológica/topônimo
Água Boa	Fazenda	AH	LP+LP		Hidrotopônimo	Composto
Água Branca	Fazenda	AH	LP+LP		Hidrotopônimo	Composto
Alegria	Fazenda	AH	LP		Animotopônimo	Simple
Aline	Fazenda	AH	LP		Antropotônimo	Simple
Alto Alegre	Sítio	AH	LP+LP		Dimensiotopônimo	Composto
Alvorecer	Fazenda	AH	LP		NC	Simple
Ana Silvia	Fazenda	AH	LP+LP		Antropotônimo	Composto



Baía	Rancho	AH	LP		Corotopônimo	Simples
Bahia	Fazenda	AH	LP		Corotopônimo	Simples
Bataiporã	Fazenda	AH	LP		Corotopônimo	Simples
Boa Esperança	Fazenda	AH	LP+LP		Animotopônimo	Composto
Bom Jesus	Sítio	AH	LP+LP		Hierotopônimo	Composto
Bom Jesus II	Estância	AH	LP+LP		Hierotopônimo	Composto
Bom Fim	Fazenda	AH	LP+LP		Hierotopônimo	Composto
Bom Futura	Fazenda	AH	LP+LP		Animotopônimo	Composto
Bom Futuro	Fazenda	AH	LP+LP		Animotopônimo	Composto
Borba	Estância	AH	LP		Antropotopônimo	Simples
Borevi	Fazenda	AH	LT	Borevi – Mboreví, Anta, tapir (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 30).	Zootopônimo	Simples
Brígida	Fazenda	AH	LP		Antropotopônimo	Simples
Buriti	Fazenda	AH	LT	Tupi: corr. <i>mbiriti</i> , palmeira, a árvore que solta líquido (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Cabritos, dos	Retiro	AH	LP+LP		Zootopônimo	Simples
Califórnia	Estância	AH	LP		Corotopônimo	Simples
Cambá	Fazenda	AH	LT	Tupí: no guarani,	Etnotopônimo	Simples

				negro africano. (SAMPAIO, 1928. P.177)		
Capim Vermelho	Fazenda	AH	LT+LP	Tupi: corr. <i>caapií</i> , planta de folha fina; erva miúda, gramínea (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Composto híbrido
Caraguá	Fazenda	AH	LT	Tupi: corr. <i>Cará-uã</i> , talo cheio de espinhos com folhas excelentes para fazer produtos industriais como a corda. (SAMPAIO, 1928)	Fitotopônimo	Simples
Cavalo Branco	Sítio	AH	LP+LP		Zootopônimo	Composto
Combate	Fazenda	AH	LP		Animotopônimo	Simples
Conquista	Fazenda	AH	LP		Animotopônimo	Simples
Domingos	Fazenda	AH	LP		Antropotônimo	Simples
Eliléia I	Fazenda	AH	LP		Antropotônimo	Simples
Eliléia II	Fazenda	AH	LP		Antropotônimo	Simples
Esperança	Fazenda	AH	LP		Animotopônimo	Simples
Esperança	Sítio	AH	LP		Animotopônimo	Simples
Esperança do Porto	Fazenda	AH	LP+LP		Animotopônimo	Composto
Fé <sup>4</sup>	Estância	AH	LP		Hierotopônimo	Simples
Festa	Bairro	AH	LP		Sociotopônimo	Simples
Garça	Fazenda	AH	LP		Zootopônimo	Simples

<sup>4</sup>Fé: Optou-se pela classificação taxionômica de hierotopônimo, pois de acordo com Dick (1990, p. 312) “[...] o Brasil nasceu sob o signo da cruz e da fé [...]”.

Geovany	Fazenda	AH	LP		Antropotônimo	Simple
Granada	Fazenda	AH	LP		Ergotônimo	Simple
Guavira Poti	Fazenda	AH	LT + LT	“Guavira – (subst.) (bot.) (Campomanesia) a guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas, cresce nos campos e pastagens. No Mato Grosso do Sul há as espécies <i>Campomanesia adaman tinum</i> e <i>Campomanesia pubescens</i> ” (ASSIS, 2008).	Fitotônimo	Composto
Itália	Fazenda	AH	LP		Corotônimo	Simple
Jacaré	Fazenda	AH	LT	Tupi: corr. <i>Ya-caré</i> , réptil sinuoso ou <i>y-echá-caré</i> , réptil que olha de lado. (SAMPAIO, 1928)	Zootônimo	Simple
Jaguarete	Fazenda	AH	LT	Tupi: corr. <i>Yaguar-etê</i> , a verdadeira onça. (SAMPAIO, 1928, p.244)	Zootônimo	Simple
Jaguarete	Retiro	AH	LT	Tupi: corr. <i>Yaguar-etê</i> , a verdadeira onça. (SAMPAIO, 1928, p.244)	Zootônimo	Simple
Joday <sup>5</sup>	Sítio	AH	NI		Antropotônimo	Simple
Lagoa	Retiro	AH	LP		Hidrotônimo	Simple
Los Angeles	Fazenda	AH	LE		Corotônimo	Composto
Macaco	Fazenda	AH	LP		Zootônimo	Simple
Marina	Fazenda	AH	LP		Antropotônimo	Simple

5 Joday – não conseguimos encontrar a etimologia da palavra. Entretanto, acreditamos que a designação é de

natureza antroponímia, pois em buscas realizadas pela internet, encontramos vários estabelecimentos com essa designação e também o nome próprio Salam Ay Hamaya Lahzaya Joday. Informação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JAeT1OY3KCU>. Acesso em: 10 de dezembro de 2015.

Mercedina	Assentamento	AH	LP		Antropotopônimo	Simples
Mineira	Fazenda	AH	LP		Litotopônimo	Simples
Monte Alegre	Sítio	AH	LP+LP		Geomorfotopônimo	Composto
Monte Dourado	Fazenda	AH	LP+LP		Geomorfotopônimo	Composto
Nogueira	Fazenda	AH	LP		Antropotopônimo	Simples
Nossa Senhora Aparecida	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Nossa Senhora Aparecida	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Nossa Senhora Aparecida	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Nossa Senhora Aparecida	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Nossa Senhora Aparecida	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Nossa Senhora da Paz	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Oliveira	Estância	AH	LP		Antropotopônimo	Simples
Ouro Verde	Fazenda	AH	LP+LP		Litotopônimo	Composto
Palmeira	Fazenda	AH	LP		Fitotopônimo	Simples
Palmeira	Fazenda	AH	LP		Fitotopônimo	Simples
Paraíso	Fazenda	AH	LP		Animotopônimo	Simples

Pé de Galinha	Retiro	AH	LP+LP		Somatopônimo	Composto
Perdizes	Fazenda	AH	LP		Zootopônimo	Simples
Primavera	Fazenda	AH	LP		Meteorotopônimo	Simples
Primavera	Porto	AH	LP		Meteorotopônimo	Simples
Rancho Alegre	Sítio	AH	LP+LP		Ecotopônimo	Composto
Rancho Florido	Fazenda	AH	LP+LP		Ecotopônimo	Composto
Sandra Regina	Fazenda	AH	LP+LP		Antropotopônimo	Composto
Samambaia	Fazenda	AH	LT	Tupi: corr. <i>çama-mbai</i> , planta social e invasora composta de filamentos emaranhados (SAMPAIO, 1928).	Fitotopônimo	Simples
Santa Ana	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Santa Clara	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Santa Clara	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Santa Dirce	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Santa Elisa	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Santa Helena	Sítio	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Santa Ilídia	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Santa Ilídia	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto

Santa Ilídia	Porto	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Santa Lúcia	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Santa Luzia	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Santa Maria	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Santa Maria	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Santa Maria	Estância	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Santana	Fazenda	AH	LP		Hagiotipônimo	Simple
Santa Rita	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Santa Rosa	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Santa Virgínia	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Santo Antônio	Retiro	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
São Benedito	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
São Benedito	Sítio	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
São Fernando	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
São Francisco	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
São João	Sítio	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto

São João	Porto	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
São João da Boa Vista	Sítio	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
São Joaquim	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
São José	Assentamento	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
São José	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
São Judas Tadeu	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
São Luiz	Assentamento	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
São Pedro	Sítio	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
São Sebastião	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
São Silvério	Fazenda	AH	LP+LP		Hagiotopônimo	Composto
Taboca	Fazenda	AH	LT	Tupi: c. <i>ta-bôca</i> , espécie de bambu de tronco oco. (SAMPAIO, 1928)	Fitotopônimo	Simples
Taquaritinga	Fazenda	AH	LT	Tupi: c. <i>taquari-tinga</i> , espécie de cana branca. Pernambuco. (SAMPAIO, 1928)	Fitotopônimo	Simples
Toca da Onça	Fazenda	AH	LP+LP		Ecotopônimo	Composto
União	Fazenda	AH	LP		Animotopônimo	Simples
Unidas	Fazenda	AH	LP		Animotopônimo	Simples
Vale do luar	Fazenda	AH	LP+LP		Geomorfotopônimo	Composto
Vista alegre	Fazenda	AH	LP+LP		Animotopônimo	Composto

3R	Fazenda	AH	LP		Numerotopônimo	Composto
----	---------	----	----	--	----------------	----------

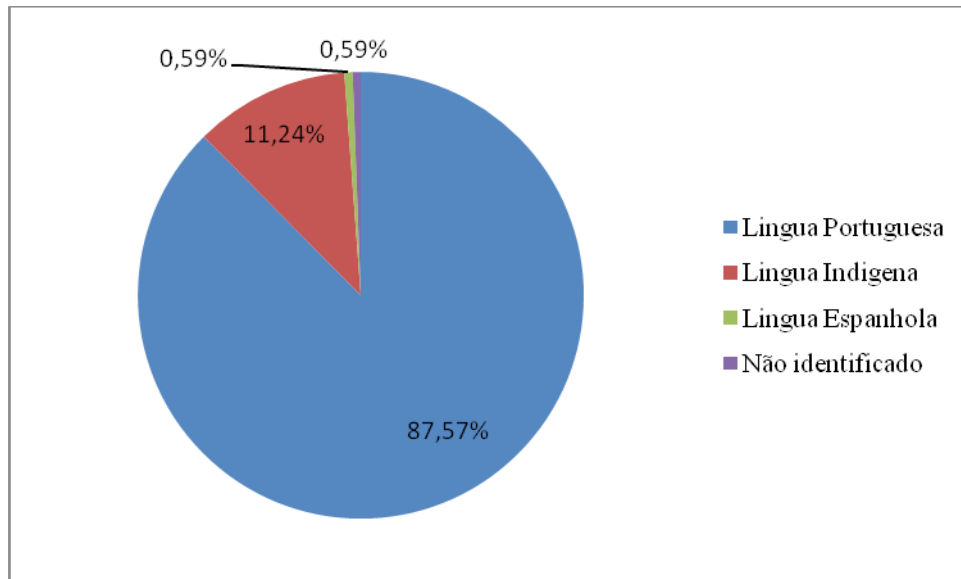
Total de topônimos: 115

### **CAPITULO III – ANÁLISE DOS DADOS**

Com base nos dados apresentados no capítulo anterior, faremos uma análise quantitativa dos 169 topônimos rurais, segundo a *Língua de origem*, a *Estrutura Morfológica* e a *Classificação taxionômica* que estão expostas nos gráficos I, II e III, respectivamente.

#### **3.1 Gráfico I – Distribuição percentual dos topônimos rurais dos municípios Anaurilândia e Batayporã segundo a língua de origem**



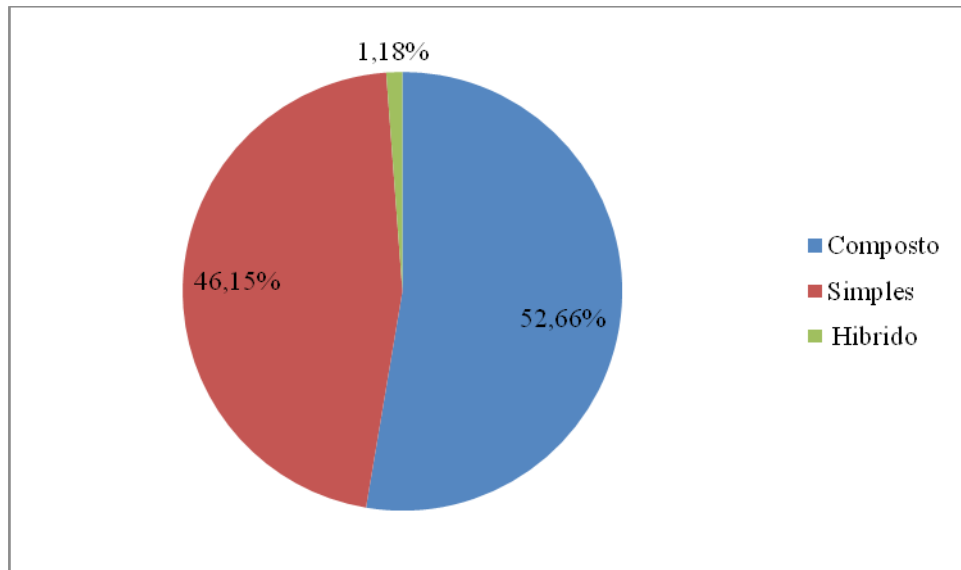


Diante do gráfico da língua de origem, podemos notar que os topônimos predominantes são os de origem portuguesa, com 87,57%/148 topônimos, seguidos pelos de origem indígena, com 11,24%/19 topônimos, os de origem espanhola, com 0,59%/1 topônimo e 0,59%/1 topônimo não identificado.

Podemos observar que há uma quantidade maior de topônimos de origem portuguesa. Esse fato é notório não somente na região estudada, mas em toda toponímia brasileira, conforme as pesquisas realizadas em diferentes estados nos têm demonstrado, a exemplo de MS, MG, TO, PR. Acreditamos ser devido à posição de soberania dos portugueses à época da colonização do Brasil. Ao nomearem os lugares, não se importaram com a cultura já existente dos indígenas que aqui habitavam e foram dando nomes aos acidentes de acordo com sua cultura.

Em relação à língua indígena, houve 19 ocorrências de base Tupi na área pesquisada, que podemos citar como exemplo: fazenda **Mutum** AH/Anaurilândia e fazenda **Taboca** AH/Batayporã. Isso se justifica pela grande contribuição da língua Tupi durante o período colonial que foi de suma importância para a toponímia brasileira. Já os topônimos de origem espanhola, houve somente uma ocorrência nessa pesquisa que, a saber, é: fazenda **Los Angeles** AH/Batayporã.

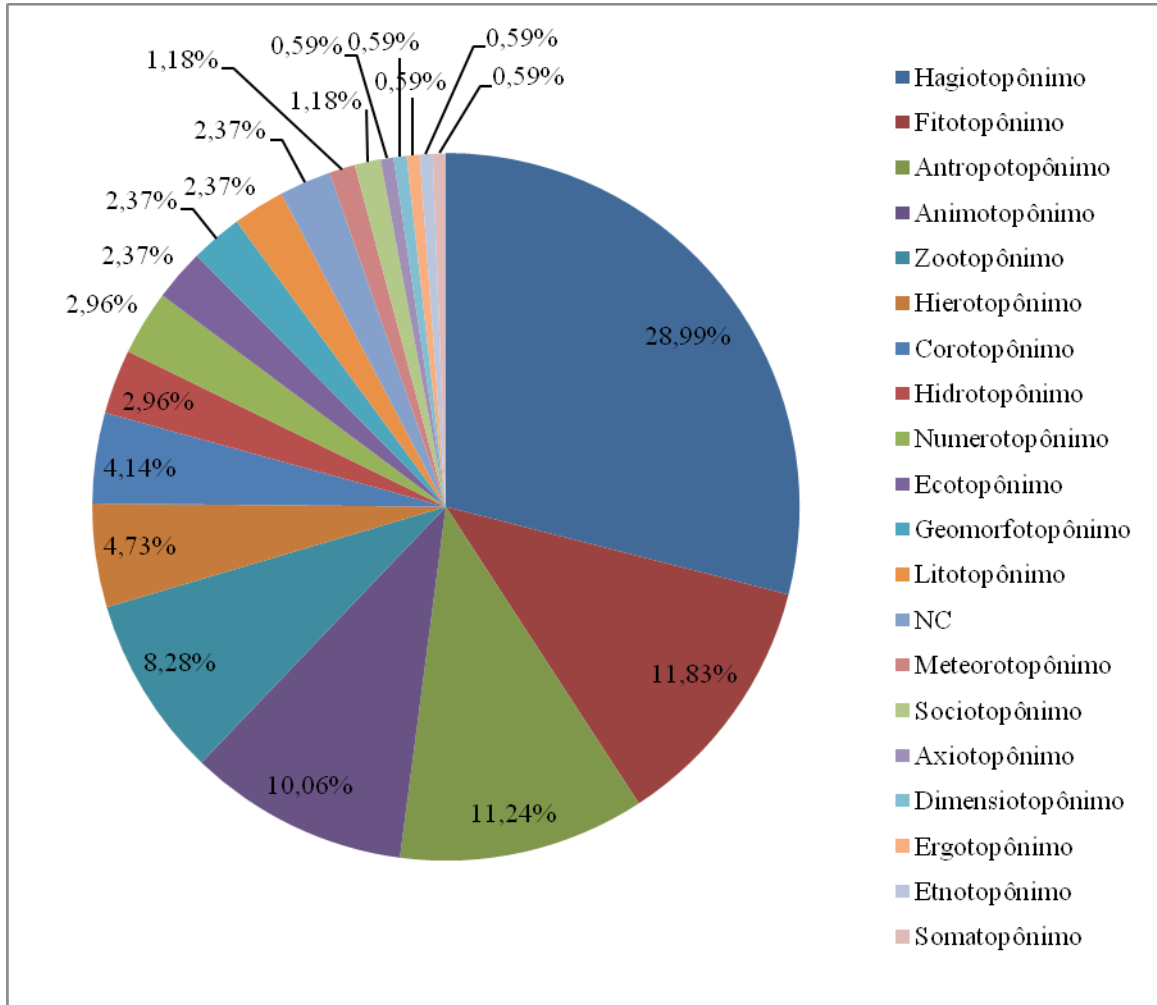
### 3.2 Gráfico II – Distribuição percentual dos topônimos rurais dos municípios Anaurilândia e Batayporã segundo a estrutura morfológica.



De acordo com Dick (1992, p. 13), os topônimos “em sua composição morfológica” podem ser classificados em simples, compostos ou híbridos.

Observando o gráfico II, nota-se que dos 169 elementos específicos estudados, a maioria - (52,66%/89 topônimos) - são de estrutura morfológica composta, que contêm mais de um elemento formador, seguidos dos topônimos simples - (46,15%/78 topônimos) - formados somente por um elemento designativo e os topônimos híbridos - (1,18%/2 topônimos), que são formados por elementos de etimologias diferentes. Desses dois, temos fazenda **Taquaral** AH/Anaurilândia e fazenda **Capim Vermelho** AH/Batayporã, ambos com elementos estruturais de origem tupi e portuguesa, cujas classificações morfológicas optamos por simples híbrida e composta híbrida respectivamente.

### 3.3 Gráfico III – Distribuição percentual dos topônimos dos municípios de Anaurilândia e Batayporã segundo a classificação taxionômica

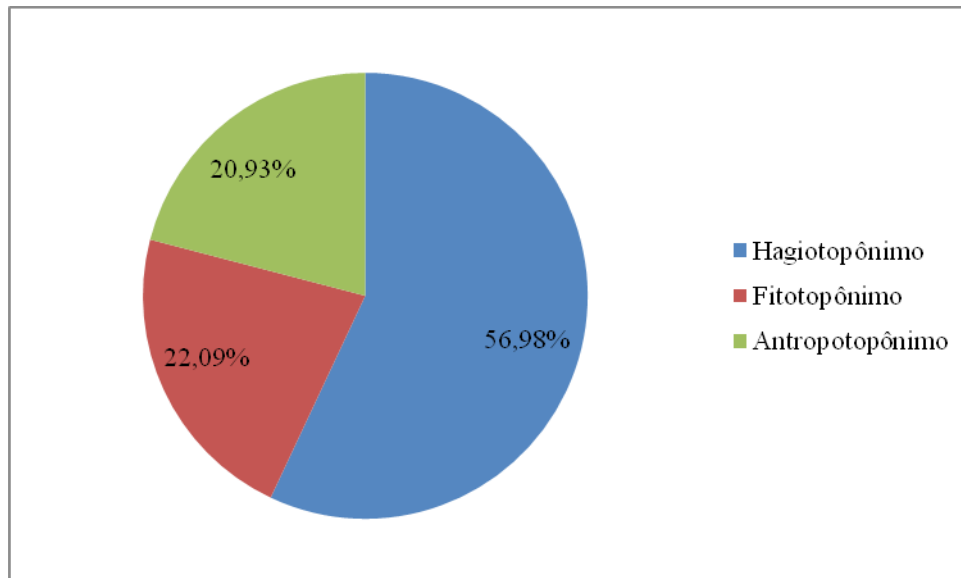


Com base no gráfico III, podemos verificar que as três taxionomias mais produtivas na área pesquisada são: *hagiotopônimos* (28,99%/49 topônimos), *fitotopônimos* (11,83%/20 topônimos), e os *antropotopônimos* (11,24%/19 topônimos). Observamos também que dentre as três taxionomias mais produtivas uma é de natureza física, os *fitotopônimos* e as outras duas de natureza antro-cultural, *hagiotopônimos* e *antropotopônimos*, constatando assim uma influência maior de elementos de natureza antroponímicas como motivação no momento de nomear um lugar. Os topônimos das três taxas mais produtivas somam 88 topônimos, totalizando 52,06% do universo pesquisado. Os outros 76 topônimos estão distribuídos entre as outras taxionomias que, a saber, são: *animotopônimos* (10,06%), *zootopônimos* (8,28%), *hierotopônimos* (4,73%), *corotopônimos* (4,14%), *hidrotopônimos* (2,96%), *numerotopônimos* (2,96%), *ecotopônimos* (2,37%), *geomorfotopônimos* (2,37%), *litotopônimos* (2,37%), *meteorotopônimos* (1,18%), *sociotopônimos* (1,18%), *axiotopônimos* (0,59%), *dimensiotopônimos* (0,59%), *ergotopônimos* (0,59%), *etnotopônimos* (0,59%),

*somatotopônimos* (0,59%), somando assim, 46% dos dados estudados e 4 topônimos não classificados (2,37%).

A seguir, apresentamos uma análise das três taxionomias mais produtivas.

### 3.4 Gráfico IV – Distribuição percentual das três taxionomias mais produtivas



#### Os hagiotoponímicos

Como já vimos, entre as taxionomias, a que mais se destaca nos dois municípios pesquisados são os *hagiotoponímicos*, com 56,98% dos dados catalogados, totalizando 49 topônimos.

Podemos observar que o denominador utilizou-se principalmente de elementos da cultura religiosa para a nomeação dos acidentes. Isso mostra que o denominador no momento do batismo permanecia muito mais ligado a manifestações intocáveis do que a elementos do mundo real em que vive.

Os motivos que leva o denominador a escolha de um nome são vários. Na toponímia de natureza religiosa brasileira, podemos destacar as palavras de Dick (1990, p.312):

Ninguém ignora, por exemplo, que o Brasil nasceu sob o signo da Cruz e da Fé e é justamente nesses elementos que se deve ir buscar as raízes da toponímia religiosa nacional, assentada, em seus primórdios, na carta de Pero Vaz de Caminha, nos próprios preparativos da esquadra cabralina que culminaram na descoberta do Brasil, em motivos mais distantes que impulsionaram o ciclo das grandes navegações portuguesas; e, recuando ainda um pouco mais, na própria filosofia medieval de exaltação dos bens espirituais e do

desejo de propagar o Santo nome de Cristo e seus ensinamentos, entre os povos pagãos; posição contrária, portanto, à atitude renascentista, voltada para a materialidade e transitoriedade dos valores humanos ( DICK, 1990, p. 312).

No corpus dessa pesquisa, podemos citar três exemplos que podem ter sido motivados pelos signos da “Cruz e Fé” que são elementos da cultura religiosa que, a saber, são: fazenda **Santa Fé** AH/Anaurilândia, fazenda **Santa Cruz** AH/Anaurilândia e estância **Fé** AH/Batayporã.

Segundo Dick (1992, p. 33), os hagiotopônimos são “topônimos relativos aos santos e santas do hagiológico romano”. No universo estudado, nota-se que a maioria dos hagiotopônimos são do gênero feminino (27 topônimos), como exemplo, pode citar: fazenda **Santa Maria** AH/Batayporã, seguidos pelos hagiotopônimos de gênero masculino com uma quantidade menor (22 topônimos). Ex: fazenda **São Sebastião** AH/Batayporã. Nota-se também, dentre os hagiotopônimos femininos, uma preferência pelo topônimo **Nossa Senhora Aparecida**, havendo cinco ocorrências no município de Batayporã.

No próximo item, analisaremos a segunda taxa mais produtiva dessa pesquisa.

### Os fitotopônimos

A segunda taxionomia mais produtiva, dentro da área pesquisada, é a classe dos *fitotopônimos*, com 22,09%, totalizando 20 topônimos. Os fitotopônimos pertencem às taxionomias de natureza física, onde a motivação do designador é retirada de elementos terrestres que pertencem ao meio em que se encontram.

Nota-se que, o denominador no ato da nomeação de um acidente geográfico, recorreu a elementos da flora que podem ser encontrados nos municípios pesquisados, e também em várias regiões do Brasil, como exemplo: as palmeiras. Na área pesquisada, podemos citar alguns exemplos: fazenda **Cambaúva** AH/Anaurilândia, fazenda **Macaúba** AH/Anaurilândia, fazenda **Buriti** AH/Batayporã.

Podemos observar que dos vinte (vinte) fitotopônimos estudados, 13 (doze) são de origem Tupi e 7 (sete) são de origem portuguesa. Então, podemos ver que mais da metade é de base indígena. Como exemplo, podemos citar: fazenda **Guapé** AH/Anaurilândia, fazenda **Jaborandi** AH/Anaurilândia, fazenda **Caraguá** AH/Batayporã.

Sobre a nomeação de acidentes geográficos através dos fitotopônimos indígenas, Theodoro Sampaio (*apud* DICK, 1990), ressalta que:

“Numa região como o Brasil, onde a vegetação exuberante, variada e intensa em vastíssimas zonas, a denominação dos lugares de procedência indígena deve, de contínuo, traduzir a feição local sob o ponto de vista de sua vestimenta vegetal, ou pelas suas características. A geografia aqui reflete nas denominações dos lugares a característica vegetal de cada uma. Não é, pois, de estranhar-se o frequente emprego de nomes de plantas, árvores, para individuar um rio, um banhado, um vale, um povoado, uma serra, um acidente topográfico qualquer.” Theodoro Sampaio (*apud* DICK, 1990, p. 193, 194)

Diante do exposto, podemos concluir que o denominador da região estudada, no momento do batismo foi motivado pelos elementos da vegetação brasileira, pois estes são muito importantes para sua sobrevivência, inclusive as plantas medicinais. Como exemplo, podemos citar: fazenda **Jaborandi** AH/Anaurilândia, que de acordo com Sampaio (1928), jaborandi é uma “planta medicinal que solta líquido.”

No próximo item, vamos analisar a terceira taxa mais produtiva.

### Os Antropotopônimos

Os *antropotopônimos* ocupam na área estudada o terceiro lugar entre as taxionomias mais produtivas, com 19 topônimos no total percentual de 20,93%. Segundo Dick (1992, p.32), antropotopônimos são “topônimos relativos aos nomes próprios individuais”, que geralmente são usados para homenagear moradores que residem na região. Essa denominação pode ser modo espontâneo ou imposto por alguma autoridade que detém o poder político, de acordo com Dargel (2003, p. 173).

O denominador, ao escolher um nome próprio para a nomeação de um acidente geográfico, pode ter vários motivos, como a preservação dos costumes de sua época, as manifestações culturais de seu povo, sua postura social perante a sociedade. Sobre esse aspecto, Dick (1990) ressalta

Ainda que os nomes pessoais aplicados a localidades geográficas possam revelar aspecto de autolatria, imodéstia ou desejo de perpetuação dos feitos individuais, não se pode por em dúvida que, quando bem aplicados, procurando um vínculo aproximado entre as circunstâncias do lugar e o denominador que lhe permitiu a designação, possibilitam, realmente, que uma parcela da história regional ou nacional seja conservada e transmitida a gerações posteriores (DICK, 1990, p. 310).

Como já salientamos anteriormente, os antropotopônimos são na maioria das vezes utilizados para homenagear pessoas que moram ou moraram na região do universo estudado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é apresentado como um estudo inicial sobre a toponímia rural de dois municípios da região de Nova Andradina, que são: Anaurilândia e Batayporã. Por isso, não há conclusões definitivas, e sim, análises primeiras que possibilitarão a continuidade em estudos futuros.

Em conformidade com nossas intenções apresentadas na introdução deste trabalho, acreditamos ter conseguido alcançar os objetivos propostos e a hipótese levantada.

Por meio do estudo dos 169 topônimos dos acidentes humanos da região estudada, podemos evidenciar que 115 topônimos são de natureza antropocultural e 50 topônimos de natureza física predominando assim os elementos da vida psíquica, social e cultural como motivação para a nomeação dos acidentes geográficos. Do total, ficaram sem classificação taxionômica: fazenda **Alvorecer** AH/Batayporã, fazenda **Produtiva** AH/Anaurilândia, fazenda **Quiterói** AH/Anaurilândia e fazenda **Sempre Viva** AH/Anaurilândia. Por mais completo que seja o modelo adotado para essa pesquisa, às vezes o pesquisador se depara com topônimos que não se insere em nenhuma taxionomia, optando assim em deixá-lo como não classificado.

Com referência as três taxionomias mais produtivas, notamos que duas são de natureza antropocultural e uma de natureza física. Somando assim, respectivamente, 49 hagiopônimos, 20 antropotônimos e 19 fitotônimos. Diante desses números, percebemos que o homem procurou preservar características da região, com as designações, utilizando elementos da cultura religiosa, histórico-social e também da flora da região.

Em termos de língua de origem, podemos notar a predominância da língua portuguesa sobre o universo estudado. Dos 169 topônimos, 148 são de origem portuguesa, 19 de origem tupi, 1 de origem espanhola e 1 não identificado, evidenciando assim, a soberania dos colonizadores sobre os povos nativos na época da colonização.

Esperamos que o resultado dessa pesquisa possa servir de subsídio para trabalhos toponímicos posteriores.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, VanderciAndrade. *Taxionomia de Topônimos: problema sem solução?*. signum. Estudos de Linguagem, Editora UEL, v. 2, p. 125-138, 1999.
- ASSIS, Cecy Fernandes de. *Dicionário Guarani-Português/Português-Guarani*. São Paulo: Edição da Autora, 2008.
- AULETE, Caldas. *Aulete Digital - Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Desenvolvido por Lexikon Editora Digital Ltda, 2006.
- DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. *Entre buritis e veredas: o desvendar da toponímia do Bolsão sul-mato-grossense*. (Dissertação de Mestrado) Três Lagoas: UFMS, 2003.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: EdiçõesArquivo do Estado, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio – o dicionário de língua portuguesa – Século XXI*. Dicionário Eletrônico, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Novo Aurélio Eletrônico versão 5.0 – o dicionário de língua portuguesa – Século XXI*, Curitiba: editora Positivo, 2004.
- HOUAISS *Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Versão Eletrônica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E DE ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: junho, julho, agosto, setembro, outubro e novembro 2015.
- Mapas Topográficas do IBGE, escala 1:100.000: Anarilândia e Batayporã.
- PEREIRA, Renato Rodrigues. *A Toponímia de Goiás: Em busca da descrição de nomes de lugares de Municípios do Sul Goiano*. (Dissertação de Mestrado) Campo Grande: UFMS, 2009.
- SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi na geografia nacional*. Bahia: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artificies, 1928.
- TIBIRIÇA, Luiz Caldas. *Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi*. Significado dos nomes geográficos de origem tupi. São Paulo: Traço Editora, 1984.



ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução a ciência do significado*. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987. p. 155.

ZAMARIANO, Márcia. *Reflexões sobre a questão do nome próprio na toponímia*. Cadernos de Letras da UFF , v. 1, p. 351-372, 2012.